



Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons 4.0. Com essa licença você pode compartilhar e/ou adaptar o material para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indique se foram feitas alterações.

ARTIGO

Produção da saúde por ontologias relacionais: ecosofia, compostagem e cosmopercepções amazônicas como resistências à expropriação

Flávia Cristina Silveira Lemos:

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4951-4435>

Diego Frank Marques Cavalcante:

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5954-4019>

Flávio Luiz de Castro Freitas:

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7648-0341>

Valber Luiz Farias Sampaio:

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1780-6679>

Igor do Carmo Santos:

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6982-9971>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21933111>

Resumo:

Este artigo apresenta uma análise de modos de subjetivação ligados às relações com as práticas de saúde por meio do território da Amazônia. Aborda-se pensar e delinear os modos de existência na relação com a floresta e com os seres múltiplos que compõem os territórios. Conversamos com a produção da diferença no plano das ritualidades, agências diversas, trilhas, dispositivos sociotécnicos, animismos e perspectivismos. Problematisa-se a relação das constituições dos corpos em confluências de encontros e potências em variação de cosmogonias com forças-fluxos desejantes nos agenciamentos coletivos de enunciação na compostagem, na

geofilosofia e nas modulações afirmativas da produção da saúde pelos encontros com a fauna, as águas, a terra, os frutos, flores, plantas, fungos, subsolo, artesanatos, festas, linguagens, cantos, danças, músicas, manifestações e sonhos. Conclui-se que há uma política de resistência ao desenvolvimento de grandes projetos e suas expropriações exploradoras.

Palavras-chave: Amazônia; Ecosofia; Compostagem; Modos de vida; Expropriação.

Thealth production by relational ontologies: ecosophy, composting and Amazonian worldviews as resistance expropriation

Abstract:

This article presents an analysis of modes of subjectivation linked to relationships with health practices within the Amazonian territory. It addresses the task of conceptualizing and outlining modes of existence in relation to the forest and the manifold beings that constitute these territories. It engages with the production of difference across the planes of ritual practices, diverse agencies, trails, sociotechnical assemblages, animisms, and perspectivisms. It problematizes the constitution of bodies—formed through the confluence of encounters and varying potentials across cosmogonies and desiring force-flows—within collective assemblages of enunciation. This process encompasses composting, geophilosophy, and affirmative modulations of health production arising from encounters with fauna, waters, earth, fruits, flowers, plants, fungi, the subsoil, crafts, festivals, languages, songs, dances, music, cultural expressions, and dreams. The article concludes that there exists a politics of resistance against the development of large-scale projects and their exploitative expropriations.

Keywords: Amazon; Ecosophy; Composting; Ways of life; Expropriation.

Introdução

Este artigo se propõe a realizar um ensaio por meio do qual pensamos, com conceitos múltiplos, as potências das experiências que trazem pontos do perspectivismo a partir das relações entre seres humanos, extra-humanos e não humanos, tais como: vivências de mulheres quilombolas; ameríndias; ribeirinhas; quebradeiras de coco; marisqueiras; pescadoras artesanais; fazedoiras de cuias; artesãs de cestarias; bordadeiras; parteiras; erveiras; produtoras de farinha; curandeiras; pajés; benzedoiras; rezadeiras e que atuam na criação de biojoias, etc. O texto surge de experiências de extensão em comunidades tradicionais com a oferta de cursos, a proposição de eventos,

Produção da saúde: ecosofia, compostagem e cosmo percepções amazônicas como resistências à expropriação

de construção das rodas de conversa, realização de oficinas e de escutas como dispositivos que são redes de apoio.

Na linha da análise histórica da produção de subjetividades se faz a compostagem e a ecosofia na ontologia relacional, em um campo de transversalização dos saberes locais em conexão com a terra, as águas, as plantas, a fauna, os grafismos, bem como as práticas musicais, de dança e de cantos que promovem a cura. Ademais, o texto aborda o plano das forças em confluências, às quais articulam os modos de vida em uma estilística da existência. Portanto, pretende-se analisar modos de vida e de existências no cotidiano da Amazônia a partir de um pensamento da diferença.

Como escopo na caixa de ferramentas de nossas conversações, convidamos um modo de trabalhar com uma vertente conceitual e documental, em uma ontologia relacional marcada pela potência ecosófica com interlocutores, tais como: Deleuze & Guattari, Michel Foucault, Antônio Antônio Nêgo Bispo Santos, Bruce Albert, Davi Kopenawa, Paes Loureiro e Donna Haraway.

Para diferentes cosmopercepções, é possível promover saúde na experiência de agências múltiplas de singularização. Assim, produz-se uma da interação com certos alimentos, brincadeiras, rezas, cirandas, ritmos, cantorias, devoções, rituais, pinturas, grafismos, festas, esportes, conversas com encantados, acendendo velas, em vigílias nas matas, com fumos, em jejuns, em determinadas massagens, em um trabalho com esculturas de vários materiais, em novenas, em chás, em banhos de ervas, no contato com barro e argila, na ingestão delimitada de água, em banhos nos rios, no consumo de garrafadas, no cuidado com plantas etc.

Essas práticas podem nos ajudar a desenvolver novas perspectivas, estabelecer novos relacionamentos, criar diversas realidades, gerar existências transversais, adotar formas de pensar diferentes e viver de maneira que constitua uma ética e uma política subjetiva.

Essas práticas e fazeres estão relacionados a uma ecologia das práticas que se fundamenta em saberes locais e ativa modos de vida complexos. O artigo visa trabalhar com o campo do cotidiano a partir do perspectivismo para problematizar os fazeres

amazônicos do cuidado nas linhas emaranhadas das compostagens, cosmogonias e práticas analíticas constitutivas da ontologia relacional em uma geontologia cosmopolítica.

Ecosofia e camas de gato: relações de cuidado na Amazônia paraense

Em “As três Ecologias”, Guattari (1993) assinala seu ativismo ecológico explicitando atentamente e com múltiplas lentes, em diversos ângulos e escalas, a ecosofia enquanto um modo de vida para traçar a relação entre processos de subjetivação que são construídos por muitas linhas de forças, entre as quais: as subjetivas, culturais, políticas, econômicas, sociais, históricas e ecológicas.

As linhas da ecosofia que montam um dispositivo tal qual uma cama de gato, uma rede de saberes locais e tramam uma terra fértil, um solo repleto de nutrientes em compostagem. A cama de gato de Haraway (2023) se manifesta em fluxos sociais por meio de padrões que operam e são entrelaçados nas interações entre as habilidades dos nós e as diferentes estratégias tecnocientíficas. Assim, a autora afirma como a cama de gato é local e ao mesmo tempo, global.

Outro ponto é que ela se faz por um emaranhado de linhas que são forças-fluxos de processos de um jogo que traz enunciados coletivos, conforme a autora (2023). A cama de gato tem linhas múltiplas e elas podem ser desamarradas quando deseja-se pensar a análise institucional para analisar demandas e produzir ofertas com acontecimentos raros.

Logo, ao puxarmos as linhas do dispositivo, podemos analisar as forças que compõem, de forma instituinte, potências inventivas e expressam demandas múltiplas que são resistências à expropriação da Amazônia. Afinal, “não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais” (GUATTARI, 1993, p. 9).

Trata-se de forjar encontros alegres para afirmarmos as relações dos corpos em afecções que podem ser pensadas em efeitos mútuos, imanentes e inventivos. Logo, se estabelecem afecções de ontologias relacionais entre flores, frutos, folhas, raízes, ervas, óleos, argilas, cestos, tapeçarias, bancos com grafismos, vestes específicas, sopas, bebidas, fumos, rios, florestas, plantas, animais, terra, paisagens, práticas cotidianas, artesanatos, modos de se alimentar e tecer a cura que opera um modo de existência como estilística de ser.

O enlace da ecologia ambiental, da ecologia científica, da ecologia econômica, da ecologia urbana e das ecologias social e mental, não para englobar todas essas abordagens ecológicas heterogêneas em uma mesma ideologia totalizante ou totalitária, senão para assinalar o contrário, a perspectiva de uma escolha ético-política da diversidade, do dissenso criador, da responsabilidade a respeito da diferença e da alteridade (GUATTARI, 1993, p. 31).

Encontrarmo-nos com os biomas implica em construir uma ética do bem viver e assim, afirmar a produção do desejo pela parentalidade dos seres que podem nos conduzir a pensar uma integralidade do cuidado pela confluência como denominou Antônio Bispo dos Santos (2023). As afecções não se sobrepõem umas às outras, elas se entrelaçam, coexistem e entram em zonas de convivência porque a terra pode dar e ela deseja, ao mesmo tempo de maneira imanente, ela quer.

Em suma, fabricamos saberes da terra, das águas, dos solos, das pedrinhas, das rochas, das montanhas, dos minerais, das plantas, das flores, das ervas e das matas. São ontologias relacionais porque conversam com o pensamento da diferença, o agenciando para o lançar como dispositivo de linhas da vida. Os banhos de ervas, as beberagens, os chás, a alimentação, a navegação em barcos, a relação com a argila, a conexão com os pés na terra, o contato com o húmus para criar compostagens é uma atenção para desver o mundo.

Desse modo, vamos montando um plano de composição geofilosófico e geohistórico por meio da compostagem e das humusidades em confluências com o pensamento da diferença. Produzir diferença é pensar pela imanência dos encontros alegres de uma geontologia, nas palavras de Elizabeth Povinelli (2023). Uma ontologia como constituição histórica da subjetividade traz agenciamentos do aterrar como esfera

das relações que produzem um bem viver e o comum, na construção de alianças e parentalidades entre seres com agência.

Ademais, visa-se criar cuidados múltiplos com banhos, chás, descansos e rotinas em sintonia com a floresta, pela relação com as águas e os diversos animais, pois se faz ética, estética e política ao se estilizar a vida pelos modos de existências experienciados pelos processos de territorialização, nas artes do comum de um bem viver. As vivências amazônicas são acontecimentos marcados por intensidades múltiplas e singularizações do desejo. Há uma trama de processos diferenciais que formam maquinarias produtivas dos usos de si pelas potências de um contágio por devires minoritários na florestania do aterrar amazônico.

As subjetividades as quais nos referimos são de todos os seres, humanos e não humanos, em que a vida não está mais dividida em natureza e/ou cultura, na medida em que vivente é quem não apenas é animado, mas anima e é agenciado em trânsitos e passagens, nas encruzilhadas do viver e do gerir o viver. Foucault (1988) salientou o quanto a vida entrou na história e passou a figurar como agenciamento inventivo, concomitantemente à sua captura pela biopolítica, na sociedade moderna. As experiências de governo da vida se tornaram um avesso e paradoxo da tanatopolítica diante das ações e valores ressentidos quanto as forças afirmativas do desejo são cooptadas pelas práticas de expropriação na monocultura.

Trata-se de uma variação de intensidades moduladas por virtualidades, que são acionadas por linhas do saber, do poder e da subjetivação. Essas linhas operam nos planos de composição das poesias, traçando e percorrendo os entremeios do dizer, ver e escrever como dobras da subjetividade em agenciamentos coletivos do desejo. Viver tem história e se faz pela composição dos planos e platôs existenciais, cujas forças operam pelas alianças nas redes quentes dos processos de subjetivação.

Assim, a ecosofia é formada por agenciamentos que são tal uma cama de gato e uma compostagem, pois se constituem como um emaranhado dos processos de subjetivação que são históricos, culturais, sociais, ecológicos, políticos e econômicos. Dobrar forças significa curvá-las, seguindo trajetórias que não se desligam do exterior e,

por isso, não criam interioridades nem se limitam às determinações externas (Deleuze, 2011).

A ideia da multiplicidade, que atua como compostagem e prática da produção da diferença, ressoa a força do diferir, manifestada nos modos de vida que se transformam em devires, em conexões que afirmam as possibilidades de existência em relação à terra, ao ato de cozinhar, à sociobiodiversidade, ao artesanato, aos rituais religiosos, à economia dos povos tradicionais e ao território, tais como os usos das plantas e as conexões com os diversos seres da floresta em suas agências (Loureiro, 2021). O poeta das águas é deslocado, segundo seus escritos, pelos devires da floresta, dos rios e das palavras que fazem movimento no corpo em artesanaria.

Como já dissemos, as tradições de uso de plantas medicinais na Amazônia guardam elementos de várias culturas. Porém, o fruto desta trama não é um simples mosaico que incorporou um pouco de cada coisa, mas uma radical transformação dos elementos de permanência, que são descontextualizados, classificados, normalizados, rearticulados entre si e devolvidos ao uso social em um novo contexto. Nesse caso, este processo caracteriza a construção de uma tradição de uso inventada a partir de conhecimentos e saberes oriundos de diferentes culturas (SANTOS, 2000, p. 928).

Há uma comunicação que ocorre com as das interações mútuas do meio ambiente com os eventos diários, das relações formadas pelos registros semióticos, subjetividades, pensamentos, práticas educativas, valores cultivados no planeta e formas de conexão com a vida (Guattari, 1993). A ecosofia envolve uma mudança profunda na maneira como lidamos com tudo em nossas formas de existência.

A ecosofia implica uma transformação significativa na forma como interagimos com tudo em nossas vidas. Trata-se de uma maneira de conceber uma economia do cuidado que é uma prática ética de regramento da existência, portanto, uma ecosofia ligada à alimentação, aos chás, às garrafadas, às rezas, aos banhos, etc., no cuidado em saúde coletiva.

Há todo um cuidado que deve ser regado dos nossos valores em relação à agência dos seres humanos e não humanos. Há um ethos amazônico, uma forma de nos conduzir na relação conosco e com a sociedade. Uma composição de rituais da construção do autocuidado e das relações traz os nutrientes da compostagem e explicita

as demandas de uma cosmopolítica da multiplicidade e heterogênesse com alimentos, fauna, flora, água, terra, ervas e tantos elementos que compõem as crenças dos povos da floresta, ribeirinhos, quilombolas, ameríndios, pertencentes às mais diferentes expressões religiosas e produtores de festas (Douglas, 2010).

A produção da saúde é tecida na escuta dos acontecimentos singulares que são linhas de cuidado com os saberes locais de parteiras, de benzendeiras, de rezadeiras, de lideranças de pajés, de lideranças comunitárias, de pessoas dos terreiros, das comunidades eclesiais de base, das mulheres que colhem frutos da floresta, das artesãs, das marisqueiras e pescadoras, dos grupos das pastorais da saúde e de tantas pessoas que tecem o cotidiano singular da Amazônia paraense.

Essas maneiras de existir forjam um emaranhado de práticas sociais de cura em de um sistema complexo de comunicações dos saberes com trocas de diferentes semióticas e dos sagrados tanto quanto dos profanos de uma diversidade de trânsitos religiosos (Motta-Mauês & Mauês, 1980).

Assim, temos a ecosofia como compostagem, cosmopolítica e uma cama de gato para fomentar a análise de como a conexão com os rios e florestas, com a alimentação, a terra e os modos de ser podem trazer suavidade, leveza e magia para vidas que são da ordem do encantamento e que a racionalidade da ciência moderna tentou desencantar. A afirmação da vida se expressa com intensidades em fluxos rizomáticos que são modos de colocar em xeque os conceitos de modernidade que nos fazem adotar uma perspectiva utilitária em relação às florestas, plantas, águas, rotinas e à pluralidade de um conjunto de forças moleculares dos modos de viver na Amazônia.

Romper com as colonialidades de ser, saber e poder significa dar vida e agência a todas as dimensões e potências que fazem a multiplicidade ressoar em diferentes alteridades. O outro da Amazônia se faz por enunciados coletivos e pulsa desejantes complexas de inúmeras cosmovisões em redes agenciadas pelas compostagens e cosmopolíticas que não se reduzem ao hibridismo e às misturas homogêneas.

Há toda uma cosmopercepção dos horários nos ritos que são ligados às crenças e às rotinas a serem observadas quanto ao que é permitido e ao que é proibido em cada

Produção da saúde: ecosofia, compostagem e cosmopercepções amazônicas como resistências à expropriação

sociedade, nos tabus e nas permissões. As atitudes de aproximação e repulsa são organizadas por uma diversidade de processos semióticos mediados pelas linguagens em seus códigos, ritos, modos de expressão e seus sistemas de eficácia simbólica que trazem efeitos e modulações do desejo.

Não há uma divisão binária de natureza e cultura. Essa lógica é a das pessoas do Ocidente e de uma figura colonizadora que atravessou de modo violento a Amazônia, apresentando-a como selva exótica que deveria ser civilizada pelas regras impostas pela brutalidade da colonização. Há uma disputa de valores que nunca pode ser reduzida a uma unidade cultural e, por mais que existam forças que tentam se aglutinar em composições de dominação, violência e opressão, a Amazônia resiste e seus povos lutam.

Compostagens e cosmopolíticas na Amazônia Paraense em seus rituais de saúde

A saúde é uma composição do cuidado na integralidade das práticas cotidianas, sendo uma instituição formada por normas, regras e valores. Como instituição, está articulada com aprendizagens, usos, apropriações, demandas, encomendas e processos de gestão de si e dos outros, ou seja, de usos de si que estão ligados aos modos de existir nas relações que são da ordem da experimentação.

A oferta de práticas encarnadas nos saberes amazônicos pode trazer novas ações e invenções de si e do mundo na produção de saberes que produzem cura, saúde e cuidados pela da ecosofia pela caosmose, por uma mutação do desejo que se materializa com produções de subjetividades. Essas práticas inventivas trazem forças-fluxos instituintes do desejo que se realizam mediadas pela história cultural nos entremeios das linhas do dispositivo.

No diagrama das linhas dessa teia de forças-fluxos há uma composição histórica que desnaturaliza o desejo e o coloca em devir no campo dos encontros que implicam modos de gerir, de cuidar de si e da cidade. Para tanto, é preciso uma coragem da verdade, uma postura franca que se constitui na ecosofia, na relação com a compostagem, com o humus da terra nutrida por elementos diversos.

Donna Haraway (2021), em seu livro “O Manifesto das Espécies Companheiras – cachorros, pessoas e alteridade significativa” apresenta as conexões de parentalidade entre multiespécies como processo de cuidado mútuo. As afinidades, relações, composições e decomposições são parentalidades e permitem aterrar sem se colar ao território-corpo entre humanos e não humanos.

Assim, para fazer parentes e criar humusidades na compostagem é fundamental criar relações de alteridade significativa. A experiência do cotidiano com a diversidade de seres e encontros afirma a radicalidade da parentalidade como dispositivo de cuidado mútuo em que a experiência é avaliada pela sua potência de fazer perguntas e criar problemas como um ficar com as inquietações, ficar com os processos de problematização enquanto ecologia dos saberes e uma política da existência baseada na diferenciação.

Essas parentalidades articulam várias agências e são animadas por diferentes seres que podem se curar e se cuidar entre si como ação de ampliar a alteridade. Para tanto, a transdisciplinaridade se torna uma aliada para a ruptura com racismos, machismos, etarismos, capacitismos, preconceitos territoriais e discriminações de classe como tática instituinte que abre o campo das demandas e interroga as encomendas prontas hierárquicas verticais e as formas horizontais massificadoras.

A compostagem e as humusidades só ocorrem pelo dispositivo do ficar com o problema na relação com a ecosofia e da lógica contracolonial como trilha de uma variação de agências em multiplicidades e heterogêneses diagonais, forjadas por parentalidades.

Assim, a argila narra essas relações, as águas dos rios contam histórias, as danças amazônicas falam e expressam cuidados. As músicas e os cantos com rituais e vestimentas, adereços, ritmos, melodias, sons, instrumentos e cores trazem as teias dos cuidados em alteridades significativas. Os quintais nas vilas e comunidades expressam as crenças e são repletos de humus e compostagens que contam os enredos e tramas do cuidado como ecosofia.

A cestaria, a escultura, os bancos, os tapetes, as canoas, os arcos, as flechas, as pinturas, as línguas, as festas, os modos de se alimentar, as coreografias das danças, a seleção das cores e das roupas a usar, os adereços nos cabelos, os esportes, as celebrações e os cuidados múltiplos da florestania e das ontologias relacionais podem efetuar curas, dependendo dos agenciamentos coletivos em que se conectam e se articulam.

Em cada prato preparado e em cada horário de se alimentar, a maneira de caçar, a forma de pescar, a lua para delimitar, o canto específico para a ocasião a celebrar, as devoções a realizar, as dietas a fazer e objetos a utilizar são artefatos e artifícios a manejar; e tudo tem história e memórias. Os preparos, os modos de fazer, os valores, as maneiras de lidar com o cotidiano são práticas sociais e têm histórias singulares.

Os modos de pensar, de ser, de viver, de se relacionar, de se alimentar, de festejar, de decorar, de amar, de produzir saberes, de confeccionar vestes e organizar o trabalho, de criar artes e escrever as histórias trazem vestígios das memórias que são sinais, emblemas e rastros.

Para cada prática há rituais de verdade, há uma política e uma economia da verdade. As práticas de objetivação forjam verdades e as de poder trazem as dimensões da subjetividade e das artesanias a analisar. Ficar com o problema para Donna Haraway (2023) é montar a cama de gato e cartografar as humusidades, as compostagens e cosmopolíticas em jogo e que estão na teia, na trama e na rede de acontecimentos e relações em uma multiplicidade de forças diagramáticas dos instituídos e dos instituintes. Algumas forças são molares e outras são moleculares.

Para cada ação na Amazônia há uma cosmovisão correlata. Não há ação sem saber. Não há subjetividade sem dinâmicas e regras mediadoras. Não há artesanatos, expressões religiosas e modos de trabalhar sem normas e leis que organizam as práticas. As experiências no cotidiano trazem as memórias coletivas, os saberes dos grupos e das comunidades. Os processos de coletivização trazem valores e tensões, resistências e maneiras de conduzir e espaços de invenção de si e do mundo. (Kopenawa & Albert, 2015).

Os conhecimentos locais da Amazônia possuem regimes de verdade associados às cosmogonias dos povos que habitam a região. A compostagem é um método de enriquecer o solo com nutrientes por meio de restos orgânicos que se transformam em adubo. Em nossas interações com outros compostos, geramos húmus, que são fabulações especulativas, segundo Donna Haraway (2023). Os resíduos se transformam em matéria orgânica para nutrir outros seres, indicando que o barro é fruto de interações complexas entre diferentes organismos.

Ademais, elas representam fontes de saúde e trajetórias de cuidado com a saúde. Existem vastos conhecimentos ancestrais a respeito da anatomia, reprodução, adaptação e fisiologia das plantas. Além de refazer medicamentos ancestrais, é possível criar frentes para atender às demandas de cura e cuidado.

As comunidades ribeirinhas apresentam intensos intercâmbios étnico-raciais e estilos de vida. São estilos de vida que combinam conhecimentos agropecuários e pesqueiros. No entanto, a pesca e a agricultura praticadas em pequenos espaços de terra alagada e em girais refletem conhecimentos profundos que permeiam as esferas culturais da alimentação, religião, moradia, festividades etc. As plantas sempre garantirão segurança contra doenças, remédios para cura, temperos para uma alimentação saborosa, estruturas físicas para habitações e mobilidade fluvial.

A saúde se inicia com o cuidado adequado da terra e do corpo, e, em última instância, com as maneiras de fazer circular a afirmação ética de uma aposta da ecologia dos saberes pelo bem viver que se tece enquanto uma ética ecológica, por meio da ecosofia (Guattari, 1993). Existe uma sabedoria que provém da floresta, da mata e das águas que são os povos que habitam nela. Esses conhecimentos curam e estão intimamente ligados a práticas de cuidado relacionadas às cosmovisões que criam vida no dia a dia das comunidades.

Conclusões provisórias

Este ensaio sugere refletir sobre algumas formas de cuidar da saúde por meio da valorização diária da vida nas relações com a alimentação e o artesanato, utilizando o

Produção da saúde: ecosofia, compostagem e cosmo percepções amazônicas como resistências à expropriação

barro, expandindo as perspectivas etnobotânicas e da ecosofia. Povos ameríndios, ribeirinhos, quilombolas e, em certos contextos e momentos, citadinos, continuam a interagir com os saberes amazônicos de forma estética, curativa, alimentar, religiosa e habitacional.

Entre a rede e os barcos, no contato com as águas e florestas, encontram-se peixes, caranguejos e camarões, caldos, tucupi, gomas, açaí, tapioca, farinha, óleos, ervas, jambu e pato nos pratos e formas de se alimentar e existir com/nas águas e florestas. Estes alimentos são mais que uma dieta, trazem valores cujas expressões de desejos e processos coletivos de cuidado e partilha do cotidiano fazem contágio de corpos vibráteis e agências complexas.

Óleos como andiroba, copaíba, castanhas, priprioca, entre outros, são comprados para curar doenças, realizar feitiços e mandingas, e para a estética corporal em produtos como sabonetes, cremes, perfumes e essências. Visitar igarapés, praias de rio e balneários é uma atividade comum no estilo de vida dos belenenses, especialmente em uma ilha rodeada por praias de água doce.

O vínculo com a alimentação se mantém também na conexão com as águas e passa a ser processualidade experiencial de encontros em diversos locais, espaços e lugares das memórias, tais como: nas praças, nos calçadões das praias de rios e ao redor dos igarapés, por exemplo. Há dimensões complexas do cotidiano de cura amazônica por meio das experiências de valorização dos conhecimentos locais.

Identificando as técnicas de uso das plantas, modelando o universo mental onde elas estão ancoradas, com os conceitos e noções que lhes correspondem, e observando uma certa linha de continuidade que envolve todos estes fatores, a qual diz respeito, fundamentalmente, aos aspectos formais e rituais destas práticas, podemos reconstituir seus percursos de gestação, além de hábitos e costumes das populações envolvidas (SANTOS, 2000, p. 926).

Os ribeirinhos, povos da floresta, quilombolas utilizam o transporte hidroviário tanto quanto os povos indígenas, possuindo uma conexão com a água que difere significativamente da estabelecida pelos belenenses, sendo mais intensa e valorizada (Almeida, 2010).

No litoral paraense, existem praias de água salgada cercadas por manguezais, onde abundam garças e guarás. A conexão com a água é parte integrante do dia a dia dos habitantes das ilhas e florestas. Esse espaço promove um imaginário mágico e encantado das interações entre humanos e não humanos, manifestando-se principalmente nas práticas de pajelança.

Fomentar e maravilhar a conexão com os rios e florestas, com a alimentação, a terra e as práticas que são acontecimentos. São maneiras de viver que podem trazer suavidade, leveza e magia para vidas desencantadas. Para Stengers (2015), a vida se manifesta e flui cada vez mais quando nos aventuramos a transcender os conceitos de modernidade que nos fazem adotar uma perspectiva utilitária em relação às florestas, plantas, águas, rotinas e maneiras de existir. Romper com as colonialidades de ser, saber e poder significa dar vida e agência a todas as dimensões e potências que fazem a multiplicidade ressoar em diferentes alteridades.

Outro aspecto a mencionar é a ontologia relacional na perspectiva da culinária indígena e afrodiaspórica, refletindo a diversidade da própria composição desses grupos, que recebem heranças culturais em diferentes linguagens e afetos em conexão profunda com uma política da existência que envolve estéticas, éticas e relações comunitárias.

A saúde comunitária é a manifestação dos povos da floresta que realizam a cura por intermédio de ações locais baseadas em cuidados ancestrais. Esses cuidados são transmitidos por gerações que valorizam a alimentação e a terra, nutrindo a alma com crenças e afetos que representam uma ecosofia.

Nessas considerações finais, observa-se que há uma antropologia por demanda presente na compostagem como cuidado ecosófico em saúde diante das violências de expropriação na Amazônia. Logo, há uma virada de um giro das linguagens que fazem um campo de resistências e experiências de alteridade significativa no agenciamento coletivo do desejo (Segato, 2021).

Assim, nota-se como os seres entram em diferenciação na dinâmica relacional das geontologias marcadas pela geofilosofia, geohistória e psichistória. São inventários

da diferença e traçam devires. Pessoas negras, indígenas, as mulheres, grupos ribeirinhos, povos da floresta e do campo, etc., deixaram de ser objetos e passaram a ganhar visibilidade por suas presenças nas lutas e a coragem da verdade que operam constantemente.

Ninguém é mais objeto para expropriação imperial e colonial. A vida pede passagem e faz movimento pela ecosofia quando afirma o cuidado em saúde na política existencial da compostagem na terra fertilizada pelo húmus das ontologias relacionais. Fazer a filosofia da terra implica em traçar os mapas, as cartografias e os delineamentos das memórias culturais, sociais, subjetivas, afetivas, políticas, das águas, das florestas, dos animais, das matas, das plantas e dos solos em experiências que conectam mundos pelos corpos-territórios.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. M. R. de. **As águas e a cidade de Belém do Pará. História, natureza e cultura material no século XIX**. 340f. Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13217>. Acesso: dez. 2025.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Paz & Terra, 1988.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas/SP: Papyrus, 1993.
- HARAWAY, Donna. **Manifesto das espécies companheiras – cachorros, pessoas e alteridade significativa**. São Paulo, Bazar do Tempo, 2021.
- _____. **Ficar com o problema: fazer parentes no chthuluceno**. São Paulo: N-1, 2023.

- KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomani**. Companhia das Letras, São Paulo, 2015.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica. Uma poética do imaginário**. Manaus/AM: Valer, 2021.
- MOTTA-MAUÊS, M. A. & MAUÊS, R. H. **Hábitos e crenças alimentares numa comunidade de pesca**. Belém, Falangola, 1980.
- POVINELLI, Elizabeth A. **Geontologias - Um réquiem para o liberalismo tardio**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra da, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.
- SANTOS, F. S. D. Tradições populares de uso das plantas medicinais na Amazônia. In: **História, ciências e saúde - Manguinhos 6 (suplemento)**, setembro de 2000, pp. 919-939. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702000000500009>.
- SEGATO, Rita Laura. **Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda**. São Paulo: Bazar do Tempos, 2021.
- STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Flávia Cristina Silveira Lemos: Graduada em psicologia - UNESP, Mestra em psicologia social - UNESP, Doutora em história cultural - UNESP. Professora Titular de psicologia social na UFPA. Bolsista de produtividade de pesquisa do CNPQ. Professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA. Psicopedagoga clínica e institucional. Psicanalista. Coordenadora de relações interinstitucionais na PROEX-UFPA, Coordenadora da cátedra Sérgio Vieira de Mello – UFPA.

E-mail: flaviacslemos@gmail.com

Diego Frank Marques Cavalcante: Professor adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Professor no Programa de Pós-Graduação em Letras – UNIFESSPA. É comunicólogo, especialista em neuropsicologia, mestre em sociologia e doutor em ciências da comunicação pela Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: diegomarques@unifesspa.edu.br

Flávio Luiz de Castro Freitas: Doutorado e pós-doutorado em filosofia com área de concentração em estrutura e gênese do conceito de subjetividade pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), cuja linha de pesquisa é a subjetividade na filosofia da psicologia e da psicanálise, com estágio sanduíche pela Université Paris 1 - Panthéon Sorbonne. Mestrado em cultura e sociedade. Especialização em fundamentos da teoria e da clínica psicanalítica. Especialização em filosofia política. Graduação em filosofia. Professor efetivo associado no departamento de filosofia e professor permanente do Programa de Pós-Graduação (nível mestrado e doutorado) Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da UFMA.

E-mail: flavio.luiz@ufma.br

Valber Luiz Farias Sampaio: Doutorado em psicologia – UFPA e mestrado em psicologia – UFPA, na linha de pesquisa psicologia, saúde e sociedade. Graduação em psicologia – UNAMA. Professor adjunto I de psicologia da educação – Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA.

E-mail: valberlfsampaio@gmail.com

Igor do Carmo Santos: Graduação em psicologia – UFPA, mestre em Psicologia – UFPA e doutor em psicologia – UFPA, na linha de pesquisa: psicologia, sociedade e saúde. Título de especialista em psicologia social pelo Conselho

Federal de Psicologia. Professor adjunto II na Universidade Federal do Tocantins.

E-mail: igorpsantos@gmail.com